

PÉ DE GARRAFA: UMA FACE DO ARQUÉTIPO DO HOMEM SELVAGEM

Maria Cristina de Aguiar Campos¹

RESUMO: Pé de Garrafa é um ser lendário e misterioso, conhecido no sertão brasileiro do Centro-Oeste ao Nordeste. Este artigo faz uma leitura simbólica desta figura mítica a partir de dados compilados de fontes orais e escritas na Baixada Cuiabana-MT e seu entorno, constelando-a no arquétipo do Homem Selvagem.

PALAVRAS-CHAVE: Pé de Garrafa, imaginário, arquétipo, cultura regional.

ABSTRACT: *Pé de Garrafa* is a legendary and mysterious being, known in the Brazilian semi-arid region from northeast to middle west. This paper presents a symbolic reading of this mythical figure based on verbal and written compiled data obtained from sources at *Baixada Cuiabana*, state of Mato Grosso and its surrounds, embellishing it into the archetype of Wild Man.

KEYWORDS: *Pé de Garrafa*, imaginary, archetype, regional culture.

¹ Doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo (USP); professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Cefet-MT. E-mail: crisag05@hotmail.com.

INTRODUÇÃO



Fonte: LOUREIRO, 2006.

PÉ DE GARRAFA

Surgiu então à frente do mateiro
Um monstro fabuloso, horripilante;
Tinha o todo de um mono, mas gigante
No porte, pêlo hirsuto, olhar mateiro.

Vinha rasgando a mata tão ligeiro
Que fazia barulho impressionante;
Parecia um tufão, que nesse instante
Varresse as brenhas do sertão inteiro.

Quando o bicho avistou, com fúria intensa,
Daquela terra o audaz devassador,
A dentuça mostrou, pontuda, imensa,

E arregaçando a garra poderosa
Das mãos, pulou grunhindo. Mas, que horror!
Tinha um único pé a fera irosa

Ulisses Cuiabano (1939)

Figura 1. Pé de Garrafa, de Marcelo Velasco.

Pé de Garrafa é um ser lendário e misterioso, conhecido no sertão brasileiro em uma faixa que vai de Mato Grosso aos Estados do Piauí e Maranhão, passando por Minas Gerais (CORSO, 2002, p. 141). Este artigo faz uma leitura desta figura mítica a partir de dados compila-

dos de fontes orais e escritas, na Baixada Cuiabana² e seu entorno.

Os relatos mais antigos coletados sobre o Pé de Garrafa remontam ao extrativismo em Mato Grosso, no pós-guerra contra o Paraguai, quando foi franqueada a navegação pela bacia do Prata, intensificando o comércio. Liga-se à extração da poaia (*Cephaelis ipecacuanha*), também conhecida como ipecacuanha ou ipeca, raiz de um pequeno arbusto rica em emetina, substância que compõe medicamentos utilizados na cura de coqueluche, bronquite e disenteria. Os índios da América do Sul já a utilizavam e, no final do século XIX, as indústrias farmacêuticas europeias intensificaram sua importação. No Brasil, especialmente em Mato Grosso, Bahia, Espírito Santo, Pará e Amazonas, essa planta vicejava naturalmente; a coleta desordenada praticamente provocou sua extinção e gerou lendárias histórias, contadas por escravos e mateiros que se aventuraram nas selvas oitocentistas.

Em Mato Grosso, era nativa em “extenso território situado entre as bacias hidrográficas dos rios Paraguai e Guaporé, com destaque para a região de Cáceres, Barra de Bugres, Tangará da Serra, Vila Bela e até mesmo Cuiabá” (SIQUEIRA, 2002, p. 107). A poaia cresce em lugares sombrios de matas densas e úmidas. Um de seus dispersores é o pássaro aurinegro denominado, como seus coletores, ‘poaieiro’ (*Lipaugus vociferans*), considerado auxiliar de quem buscava encontrar o arbusto nas matas sombrias. O seu pio é interpretado “como sinal de aproximação de sítios de concentração em reboleiras férteis. De mais a mais, alimenta-se com a sua baga esbranquiçada, propiciando maior propagação da espécie” (CORREA FILHO, 1975, p. 490).

A colheita da raiz era “feita pelos índios e pelos negros, escravos dos fazendeiros da vizinhança, durante o ano todo, porém especialmente

² A tradicional Baixada Cuiabana, ou Microrregião (MR 335) do Estado de Mato Grosso, compreendia oito municípios: Rosário Oeste, Acorizal, Várzea Grande, Cuiabá, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio de Leverger, Poconé e Barão de Melgaço (FUNDAÇÃO CÂNDIDO RONDON, 1994, p. 9). Na atual classificação das microrregiões mato-grossenses presente no Anuário Estatístico de Mato Grosso (2004, p. 37), o mapeamento é completamente distinto e desconsidera a importância histórica e cultural do antigo mapeamento.

logo depois do tempo das chuvas”, principalmente “[...] na quadra chuvosa, de novembro a março, preferida para a safra, por se achar a terra empapada e fofa, própria a ser facilmente esgaravatada a pontaços de saracuá”³ (ibid., p. 489).

Semelhante ao seringueiro, o poaieiro enfrentava inúmeros perigos na Mata da Poaia, na jornada que levava cerca de seis meses. Havia as picadas de borrachudos, mutucas e mosquitos brancos, “astuciosos no varar os mosqueteiros”; lambe-olhos, causadores de conjuntivites, entre outros (ibid., p. 490). A atenção aos sons da mata era grande, pois qualquer descuido poderia ser fatal: cobras venenosas, onças traiçoeiras e o temido Pé de Garrafa.

IMAGENS E NARRATIVAS SOBRE O PÉ DE GARRAFA

O historiador Virgílio Correa Filho (ibid., p. 492) assim descreve o Pé de Garrafa no contexto da Mata da Poaia:

E ao entardecer [o poaieiro] apressa-se em tornar ao ponto central da ‘feitoria’, caso não o desnorteie o Pé de Garrafa, duende capaz de acometer os mais destemidos mateiros.

Ninguém que o veja regressará assisado ao convívio dos amigos. Todavia descrevem-se como unipedal mostrengo de aparência humana, que deixa rastro semelhante ao molde de fundo de garrafa. Só se mostra aos predestinados a trágico fim.

Verificar-lhe as medonhas feições não será permitido a quem evite perder o rumo do costumeiro abrigo.

Ainda que o lendário inimigo não consiga estreitá-lo de encontro ao

³ “*Saraquá*: pequena lança com ponta de metal pontiaguda semelhante a ponteiro de aço, acabado em guatambu ou madeira de análoga resistência utilizada para afifar a terra onde se ocultavam as raízes aneladas da ipeca; metida no solo, extraía com facilidade as raízes, acompanhadas dos arbustos” (CORREA FILHO, 1975, p. 492). “*Sapicuá*: pequena sacola de lona ou couro, onde eram colocadas as raízes. *Bornal*: bolsa ou sacola contendo água, guaraná ralado e alimentos” (SIQUEIRA, 2002, p. 108).

seu peito cabeludo, para lhe sugar vorazmente os olhos e deixá-lo estendido para pasto de famintos carniceiros, o poaieiro a quem apa-реа não mais acertará o caminho do rancho.

Só os sezonáticos, no paroxismo dos acessos febris, conseguem vê-lo impunemente, quando a realidade se lhes depara fantasticamente colorida pelo delírio.

Figura 2. Poaieiro na feitoria, de Percy Lau.



Fonte: CORREA FILHO, 1975.

Câmara Cascudo (2002, 228-229) insere-o no Ciclo dos Monstros, descrevendo-o assim:

O Pé de Garrafa é um ente misterioso que vive nas matas e capoeiras. Não o vêem ou o vêem rarissimamente. Ouvem sempre seus gritos estrídulos ora amedrontadores ou tão familiares que os caçadores procuram-no, certos de tratar-se de um companheiro transviado. E quanto mais rebuscam menos o grito lhes serve de guia, pois, multiplicado em todas as direções, atordoa, desvaira, enlouquece. Os caçadores terminam perdidos ou voltam à casa depois de luta áspera para reencontrar a estrada habitual. Sabem tratar-se do Pé de Garrafa porque este deixa sua passagem assinalada por um rastro redondo, profundo, lembrando perfeitamente um fundo de garrafa. Supõem que o singular fantasma tenha as extremidades circulares, maciças, fixando vestígios inconfundíveis. Vale Cabral, um dos primeiros a estudar o Pé de Garrafa, disse-o natural do Piauí, morando nas matas como o Caapora e devia ser de estatura invulgar, a deduzir-se da pegada enorme que ficava na areia ou no barro mole do massapé.

O Dr. Alípio de Miranda Ribeiro foi encontrar o Pé de Garrafa em Jacobina, no Mato Grosso. Seu informante, Sebastião Alves Correia, administrador da fazenda, fez uma descrição mais ou menos completa. O Pé de Garrafa ‘tem a figura dum homem; é completamente cabeludo e só possui uma única perna, a qual termina em casco em forma de fundo de garrafa’.

É uma variante do Mapinguari e do Capelobo. Grita, anda na mata e tem o rastro circular. Não há informação se o Pé de Garrafa mata para comer ou é inofensivo.

No início do século XX, Marien ([19-], p. 251-253) registrou um desses “causos” típicos: o encontro de um poaieiro com o Pé-de-Garrafa:

Então, a conversa encaminhou-se sobre caçadas: caçadas de antas,

de onças, capivaras, ariranhas; caçadas e aventuras em que, depois das onças, eterno pesadelo dos poaieiros, o assunto principal era o lendário Pé de Garrafa. Quando chegaram aí, Brasilino pôs a cabeça fora do mosquiteiro e perguntou:

— Afinal, quem é que já viu o Pé de Garrafa?

— Assim de perto, eu ainda não vi... — disse tio João. — Mas já ouvi muitas vezes, aqui mesmo desta mata, quando andei por aqui sozinho...

— Pois eu já vi, com estes olhos... — afirmou Chico Antônio, interrompendo o velho.

— Então conte como foi isso, seu Chico... — pediu Brasilino, sentando-se na rede.

— Foi assim... — começou o Chico, depois de tirar uma longa baforada do cigarro grosso. — Eu estava poiando perto do rio Branco, com o meu cunhado Venâncio, que este seu Manelão conheceu muito, não é?

— É pois... — confirmou Manelão.

— O sol já tinha virado, quando encontrei um fogão de poaia que era ver um canteiro de alface, de tão verde e fechado que estava. Ah, pessoal, fiquei tão entretido no serviço, arrancando poaia, que, quando dei fé, já estava querendo escurecer. *Lembrei* do companheiro. Gritei. Nada!...

— Ué, por que não chamou antes?... — perguntou tio João.

— Gritei mais alto... Tornei a gritar... Então o companheiro respondeu, meio longe... Andei um pouco e gritei outra vez. Logo, o companheiro respondeu, já um pouco mais perto. Andando sempre, tornei a gritar, e, desta vez, pelo grito dele o cunhado Venâncio já devia estar perto, mas no lusco-fusco não vi nada. Então gritei mais uma vez e... Ah! Pessoal, vocês não queiram saber!... Quando o enxerguei, ele vinha avançando, abrindo os braços peludos, e a goela arreganhada...

— Vote!... — exclamaram diversas bocas ao mesmo tempo. — Ave Maria!... Credo!...

Chico Antônio cuspiu, tossiu, e continuou:

— O bruto parecia um macacão preto, da minha altura, mas feio, feio...

— Que nem você mesmol... — aparteou tio João.

— Feio que nem o Anhangüera!... Então grudei no saraquá e avancei nele. Eu estava com esta minha garruchinha no cinteiro. Mas, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, o diabo do bicho agarrou no ferrão do meu saraquá e danou a puxar com tanta força que eu não podia largar a mão direita para arrancar a garrucha...

— E daí?...

— Daí... Puxa daqui, puxa dali, eu já estava suando, e o bruto bufava e gania que era uma coisa pavorosa... Eu já não agüentava mais, quando na última força sempre arranquei a minha garrucha e sapequei-lhe o fogo dentro da boca!... O danado deu um berro medonho e carpiu no dedão, isto é, no pé, pois que o tal não tem dedão...

— Virge!... — disse Elídio, benzendo-se.

— Sim senhor!... — exclamou o Leriano, impressionado, abanando a cabeça.

Ainda que fortemente presente nas antigas narrativas relacionadas à Mata da Poiaia, o Pé de Garrafa se caracteriza por ser uma entidade protetora das matas em geral, bastante temido, principalmente por caçadores. Segundo os depoimentos, possui poder sobre os ventos e certas plantas, como alguns cipós e o pau de perdiz (*Simarouba versicolor*), nome que os pantaneiros poconeanos atribuem ao fato de que, se o sujeito estiver na mata e tocar nesta árvore, desnorteia-se e fica perdido, tornando-se presa fácil do ‘bicho’, além de se associar à ave de nome homólogo – perdiz (*Rhynchosciurus rufescens*). Afirmam também que a pegada circular é uma estratégia para confundir as pessoas, uma vez que, só pelo rastro, não se sabe que direção o bicho tomou.

Suas feições não são passíveis de descrição, uma vez que possui o corpo todo coberto de pêlos, mas há quem afirme que seus olhos são vermelhos, ou refletem no escuro um brilho avermelhado, o que evi-

dencia uma característica animal e noturna. As fontes orais demonstram um grande medo específico dessa cor relacionada ao olhar – território selvagem e agressivo.

O único lugar do corpo limpo de pêlos é o umbigo, seu calcânhar-de-aquiles, alvo fatal para ele. Dizem que tem os cabelos longos. Ao se sentir ameaçado, joga-os para a frente a fim de proteger o umbigo, tornando-se então invulnerável, protegido pela massa de pêlos escuros. Imita as vozes das pessoas e emite um som assustador, como um “eco” indescritível, que também atordoa e confunde. Costuma devorar os olhos e o cérebro de suas vítimas, após arrancar suas cabeças. Percebe-se que a maioria de suas estratégias de ataque dirige-se contra a racionalidade.

Apesar de, em geral, apresentar a aparência identificada acima, possui uma fluidez que permite com que desapareça ou mude de estatura, agigantando-se ou reduzindo-se, conforme a situação. É preciso não se esquecer de que ele é um *encantado*⁴, ou seja, um ser de outra dimensão.

Além do já relatado, dizem que seu corpo parece humano. Alguns já viram o seu rastro e outros ouviram seu grito, assim descrito: “é um bicho que dá um grito 20 quilômetros longe de você e, quando você escuta, ele já está perto”. Além disso, “ele come gente e só pode morrer acertando um tiro no seu umbigo”; “ele anda fazendo um barulho e parece que arrasta um couro”; “aparece nas sextas-feiras à meia-noite para quem é desobediente”;

dizem que é um homem alto, com um cocho na cabeça para jogar dentro as pessoas que mata e, quando chega no lugar onde acampa, faz uma caireira de fogo e, com 15 minutos, come e sai para caçar mais; as pernas de garrafa são inquebráveis; quando ele escuta o barulho de algum caçador, dá um assobio

⁴ Na cultura pantaneira, um lugar *encantado* é aquele onde o sobrenatural se manifesta, podendo, em certos casos, ser sinônimo de lugar *assombrado*. O adjetivo estende-se a bichos e pessoas. Do mesmo modo, uma *lenda* se refere a experiências de caráter transcendental.

que estronda por toda a mata e o pobre, pensando que é seu companheiro, vai chegando por perto. Quando o Pé de Garrafa o encontra, pega-o, mata-o, joga-o no cocho e vai-se embora, para comê-lo bem sossegado.

Câmara Cascudo (2002) aponta o Pé de Garrafa como uma variante do Mapinguari e do Capelobo, e Corso (2002) conecta-o ao Berrador, Caipora e Saci. Pode-se também associá-lo ao Lobisomem. Em Chapada dos Guimarães-MT, às vezes, o Pé de Garrafa é identificado com o Troá⁵, outro encantado que se conecta ao arquétipo do Homem Selvagem. Percebe-se que há um extenso semantismo⁶ manifestado na confusão das fontes orais, que ocorre freqüentemente: por exemplo, quando estão contando uma história sobre o Pé de Garrafa, de repente, sem perceberem, começam a falar do Lobisomem.

UMA PROPOSTA DE LEITURA SIMBÓLICA

Para quem se dedica aos estudos do imaginário, é importante levantar os símbolos que se agregam num determinado semantismo ou numa confluência deles, para então proceder a uma leitura, estabelecendo associações e escavando/identificando o arquétipo ou mito ao qual se ligam. No caso, o Pé de Garrafa se relaciona ao arquétipo do Homem Natural ou Selvagem, pertencente à esfera do campo magnético do masculino profundo (BLY, 1991), sob o poder ambivalente da

5 A aparência do Troá varia muito, conforme a localidade: é descrito como sinônimo de Pé de Garrafa; ou como um grande bicho, peludo como um macaco, que quebra ruidosamente os galhos das árvores na mata; ou como um pássaro gigantesco que vive em cavernas e locas de pedra e só sai à noite, raramente visto, porém identificado pelo grito que “troá” nos paredões de arenito de Chapada dos Guimarães; ou como “um toco de pau aveludado e desgalhado, que da meia-noite em diante cumpre a sua triste e malfadada missão: andar se arrastando pela escuridão das matas, provocando o sinistro ruído troá, troá, troá” (RODRIGUES, 1985). Cf. também Marta Haug (1983, p. 50-51), que recolheu de fontes orais em Chapada dos Guimarães várias descrições do Pé de Garrafa.

6 Segundo Durand (1989), semantismo é um pacote de significações.

Grande M  e⁷. O Homem Selvagem    a porta para a rusticidade na natureza, mas também se pode afirmar que ele    a própria natureza, ou o protetor masculino da terra (ibid., p. 213).

Existe uma necessidade humana de ritos de inicia  o que marcam indelevelmente as mudanças psicológicas necessárias ao amadurecimento. Hollis (1994, p. 23) afirma que “o rito    um movimento em e para a profundidade. Os ritos não são inventados; são encontrados, descobertos, vivenciados e surgem a partir do encontro arquetípico com o profundo. O objetivo do ato simbólico que o rito encena    conduzir ou retornar    experiencia da profundidade”.

Para as mulheres    mais fácil, porque a menstrua  o (marca da passagem de menina para mulher) e a concep  o (marca da passagem de filha para mãe) levam-nas, biológica e naturalmente, a realizar esse percurso. Já com os homens    diferente, pois eles necessitam de sinaliza  es culturais para efetuarem essa passagem.

Nas sociedades tradicionais, por todo o mundo, as inicia  es implicam em duros testes aplicados nos meninos pelos anciãos, geralmente com muita dor física, num contexto exclusivamente masculino. Os set  nios costumam marcar os ritos. Comentando sobre esse tema relacionando    saga do herói, Campbell (ibid., p. 132) pondera:

Mas a estrutura e algo do sentido espiritual dessa aventura já podem ser detectados na puberdade ou nos rituais de inicia  o das primitivas sociedades tribais, por meio dos quais uma criança    compelida a desistir da sua infância e a se tornar um adulto – para morrer, dir-se-ia, para a sua personalidade e psique infantis e retornar como adulto职责vel. E essa    uma transforma  o psicológica fundamental, pela qual todo indivíduo deve passar. Na infância, vivemos sob a prote  o ou a supervisão de alguém, entre os quatorze e os

⁷ Sobre questões relacionadas às inicia  es masculinas, cf. Hollis (1997) e Bly (1991). Com rela  o às inicia  es femininas, cf. Est  s (1999). Sobre a saga do herói, cf. Campbell (2000; 2001). Sobre a rela  o entre o arquétipo da Grande Mãe e a evolu  o da consciência, cf. Neuman (1995; 2001).

vinte e um anos – e caso você se empenhe na obtenção de um título universitário, isso pode prosseguir talvez até os trinta e cinco. Você não é, em nenhum sentido, auto-responsável, um agente livre, mas um dependente submisso, esperando e recebendo punições e recompensas. Evoluir dessa posição de imaturidade psicológica para a coragem da auto-responsabilidade e a confiança exige morte e resurreição. Esse é o motivo básico do péríodo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura.

O homem urbano contemporâneo enfrenta sérios problemas pela ausência das sinalizações que marcam as mudanças, do que decorre o prolongamento de uma infância psicológica.

A importância histórica do arquétipo do Homem Selvagem para o masculino é notória. Desde o Senhor dos Animais, na Pedra Lascada, transformando-se em Xiva, Dioniso e Cernuno nos cultos agrários, conserva e desenvolve a energia original. Bly (1991, p. 233) aponta para os anos de 1.100 d. C., ou no século I a. C. – quando César invadiu a Gália – o início de sua perseguição e repressão.

A partir da Idade Média, por influência da Igreja Católica, a presença e os valores do Homem Selvagem – por se relacionarem aos cultos pagãos da Grande Mãe – foram gradativamente sendo banidos, afogados nos lagos, queimados nas fogueiras ou forçados ao exílio nas densas matas ou profundos mares do inconsciente. Hoje, essa perseguição se reflete numa assepsia corporal que se estende à natureza e ameaça a vida na Terra: limpar é sinônimo de desmatar, de depilar. O Senhor dos Animais “não contribui mais com sua umidade e energia para as nossas religiões” (ibid., p. 233). No entanto, na literatura e imaginação populares e também nos sonhos noturnos de cidadãos civilizados, ele é bastante lembrado, evidenciado pela íntima relação com as matas, presença de pêlos e agressividade.

A lenda do Pé de Garrafa se move na esfera da Grande Mãe inclusive pela perda do membro inferior, o que pressupõe ferimentos e cicatrizes pro-

fundas que conduzem a um aprofundamento emocional e maior ligação com a terra⁸. Um encontro com o lado negativo da Grande Mãe pode resultar em morte ou cicatriz, no entanto é um caminho que conduz à sabedoria, pois é necessário um ferimento profundo para se chegar à condição adulta.

Velhas tradições dizem que nenhum homem é adulto enquanto não se tiver aberto à alma e ao espírito do mundo, e que essa abertura é feita por uma ferida no lugar certo, no momento certo, na companhia certa. A ferida permite que o espírito ou alma entre. James Hillman, referindo-se a Hans Castorp, personagem de *A montanha mágica*, e à marcha tuberculosa em seu pulmão diz: ‘através do pequeno buraco dessa ferida, entra o imenso reino do espírito’ (ibid., p. 201).

Podem-se identificar, pelo menos, duas figuras míticas associadas ao Pé de Garrafa: Hermes, pelas estratégias de confusão como armadilha nos caminhos e fluidez na forma, e Dioniso, pelo aspecto selvagem. Sua lenda se origina em um contexto pré-cristão, provavelmente xamânico, como atesta o fragmento de um antigo conto de Francisco Brasileiro ([19--], p. 259-260):

[...] Os peões não gostavam dos índios. Não comprehendiam o seu des-caso em relação às obrigações que eles próprios haviam assumido para viver naquela barreira. Aceitavam entretanto aquela convivência do tempo das chuvas, dentro do princípio de hospitalidade daquele pedaço de chão escuro, que recebia e abrigava quem fosse chegando. Havia, contudo, uma forte razão para que o Coronel João Bento tratasse com tanta consideração aqueles pobres bárbaros, remanescentes da grande maloca que se erguia outrora na boca do Tarigara⁹. Era por causa de Kie, o Bare: o feiticeiro do grupo.

⁸ Sobre estes símbolos relacionados à evolução da consciência humana, cf. Erich Neuman (1995; 2001).

⁹ A etnia em questão é Bororo.

No tempo em que o Coronel o conhecera, Kie ainda não era Bare, curandeiro e mágico, mas apenas um dos moços da maloca, sem função especial. João Bento tinha nele o companheiro ideal para as caçadas, as pescarias e para zagaiar as onças que perseguiam o gado. Porém, quando certa vez Kie voltou, na entrada das águas, chegou muito doente e tomado de profunda melancolia. Indagando do bom companheiro o que lhe acontecera, veio a saber que ele estava amedrontado com o que ultimamente se passava consigo. Principiara a ouvir vozes que o chamavam pelo nome de um modo tão estranho que achava difícil não atender; via sombras de animais que não conseguia qualificar quais fossem e, da mesma forma, outros encantamentos que o traziam sobremaneira sobressaltado e temeroso. Ele supunha ser tudo aquilo prenúncio da sua iniciação como Bare. Tinha muito medo daquelas coisas que não podia compreender e lutava para não aceitar seu destino. Todo aquele inverno Kie passou adoentado. Diversos Bares de outras malocas vieram visitá-lo. Contudo assim que as águas começaram a escoar, os bugres ganharam o campo e Kie seguiu com eles. Passada aquela estação, na entrada das chuvas, Kie retornou feito outro homem. Trazia o semblante sereno e uma certa compostura no olhar que infundia respeito. João Bento percebeu que ele havia aceito seu destino. E uma tarde, sentados no alto da ribanceira, olhando a chuva que caía ao longe, Kie lhe segredou que já era Bare. Foi assim: depois daquelas alucinações e das visitas que recebeu dos outros Bares, foi-lhe desaparecendo o temor e resolveu aceitar o que lhe estivesse reservado. E num dia em que estava dentro da mata ouviu um assobio que o chamava. Por mais que procurasse, não lhe foi possível localizar o ponto de onde partiam tais sinais. Continuou andando e em seguida ouviu distintamente que o chamavam pelo nome, do alto de uma árvore. Para sua surpresa, distinguiu entre o emaranhado da galharia um bugio que se pôs a acenar-lhe com as mãos. O macaco lentamente começou a descer da árvore e à medida que descia ia tomando vulto, ficando de tamanho descomunal. Quando chegou ao chão era quase do dobro

da estatura de Kie. Então o guariba suavemente lhe disse que ele já era Bare. Tomando-lhe o arco e as flechas, com facilidade os quebrou aos pedacinhos, afirmando que daquele instante em diante não precisaria de armas, pois sua missão seria a de quem aconselha, cura e ampara. Novamente o bugio ganhou tronco acima e, à medida que foi lentamente subindo, foi diminuindo de porte até que de todo se sumiu nas mimosas folhas da grimpa.

Profusão de pêlos e emaranhado de galharias se associam, pois o homem cabeludo sempre fica mantido na mata (ou no porão). Os sistemas mitológicos associam o cabelo ao instintivo, ao sexual e ao primitivo. Culturalmente, os pêlos são vistos como sinônimo de animalidade e se relacionam com uma sexualidade animal. Nota-se, a respeito disso, a contemporânea interdição social aos pêlos, transformados em tabu: a nudez é veiculada pela mídia, desde que devidamente depilada.

Os pêlos ou cabelos se associam à vida do animal selvagem, pela caça ou domesticação, e por todas as formas de sangue quente animal: representam a natureza apaixonada dos mamíferos: “irritabilidade, temperamento fogoso, impulsividade passional, espontaneidade, emoções explosivas, ferocidade leonina, ciúme felino” (BLY, 1991, p. 44). O volume de pêlos à mostra sugere até que ponto os instintos foram sufocados e a espontaneidade controlada.

O cabelo sugere excessos: “os pêlos de Enkidu, o Homem Natural babilônico, ou de Pan, o Homem-bode, sugerem que o cabelo representa aquilo que está além das fronteiras da civilização moderadora. Pan está fora das cercas” (ibid., p. 44). Além disso, a imagem da garrafa no único pé pode aludir à bebida inebriante que induz aos excessos, que também conduzem à visão direta, a um tipo de sabedoria, afinal Dioniso é o cacho de uvas rasgado por mãos em aldeias gregas e lançado na tina do vinho, representando o êxtase que pode vir de rasgar e ser rasgado. “O vinho extático só surge se o cacho de uvas for rasgado, pisado, encerrado” (ibid., p. 208).

Os cabelos ainda sugerem pensamentos, pois brotam na cabeça dia e noite, até quando se dorme. Neste sentido, representam a intuição, a

“[...] abundância de percepções, introversões, pensamentos, ressentimentos, imagens, fantasias que esperam e estão prontas a aparecer sempre que estamos pensando em alguma coisa” (ibid., p. 45).

Outro mitema agregado ao Pé de Garrafa é o umbigo, caracterizado pela ausência de pêlos e por ser o seu único ponto fraco. Visualmente, é um alvo no meio do corpo. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 659-660), o umbigo – ônfalo – indica não apenas o centro da manifestação física, o microcosmo humano, mas é também o centro espiritual do mundo, onde se faz uma concentração energética; sua imagem representa um retorno ao centro, por isso se torna o único ponto vulnerável do Pé de Garrafa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a derrubada implacável das matas e ocupação/exploração obsessivas do ser humano de todos os espaços naturais no planeta, a diversidade da vida se reduz, rapidamente. Por se circunscreverem num habitat que protegem e pelo qual são protegidas, lendas como a do Pé de Garrafa desaparecem com elas. O Homem Selvagem vem sendo rechaçado e forçado a submergir para o inconsciente. Como parte integrante da natureza humana extremamente importante para o equilíbrio psíquico, seu exílio acarreta sérios desequilíbrios no homem contemporâneo.

O questionamento/apelo de Gerard Manley Hopkins, apud Bly (1991, p. 213), suscita uma reflexão importante acerca desta faceta humana, atualmente forçada à latência, no entanto poderosa e dionisíaca:

O que seria o mundo, se privado
Do que é úmido e selvagem? Deixem que existam,
Ah, deixem que existam, selvageria e umidade;
Que ainda vivam muito as ervas e o deserto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASILEIRO, Francisco. No Pantanal do Tarigara. In: RIEDEL, Diaulas (Org.). *Histórias e paisagens do Brasil*. As selvas e o Pantanal. Goiás e Mato Grosso. v. 10. São Paulo: Cultrix, [19--]. p. 255-270.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002. 396 p.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2000.
- _____. *O poder do mito*. 19. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001. 996 p.
- CORREA FILHO, Virgílio. *Fazenda de gado no Pantanal mato-grossense*. Documentário da vida rural n. 10. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola, 1955.
- _____. O poaieiro. In: IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil*. Excertos da Revista Brasileira de Geografia. 10. ed. Rio de Janeiro: CNG, 1975, p. 489. p. 489-492.
- CORSO, Mário. *Monstruário*. Inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002. 176 p.
- CUIABANO, Ulysses. Pé-de-Garrafa. Sete sonetos. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, a. 7, 1939.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Portugal: Editorial Presença, 1989.
- BLY, Robert. *João de Ferro*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 627 p.
- FUNDAÇÃO DE PESQUISAS CÂNDIDO RONDON. *Monografia municipal*. Poco-né. Cuiabá: [s.n.], 1984.
- HAUG, Martha Johanna. *Folclore em Chapada dos Guimarães-MT*. Coleção Pesquisa. v. 1. São Paulo: Escola de Folclore/Secretaria de Estado de Cultura, 1983.
- HOLLIS, James. *Sob a sombra de Saturno*. A ferida e a cura dos homens. Coleção Amor e Psiquê. São Paulo: Paulus, 1997. 186 p.
- LOUREIRO, Roberto. *Cultura mato-grossense*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.
- MARIEN, Alfredo. Era um poaieiro. In: RIEDEL, Diaulas (Org.). *Histórias e paisagens do Brasil*. As selvas e o Pantanal. Goiás e Mato Grosso. v. 10. São Paulo: Cultrix, [19--]. p. 233-254.

MATO GROSSO. SEPLAN. *Anuário Estatístico de Mato Grosso 2004*. Cuiabá: Central de Texto, 2004.

NEUMANN, Eric. *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *A grande mãe*. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo: Cultrix, 2001. 536 p.

SIQUEIRA, Elizabeth M. *História de Mato Grosso*. Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002. 272 p.